

---

### BULLYING: ASPECTOS CONCEITUAIS

Lidiane Leite e Lira<sup>1</sup>

#### Resumo

O presente trabalho visa oferecer um maior entendimento teórico sobre Bullying, que é um fenômeno tão antigo quanto à própria instituição denominada escola, no entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. As vítimas, geralmente, são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização, em geral são tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocados e agressivos dirigidos contra elas. Compreender os aspectos teóricos sobre bullying pode ser uma ferramenta de prevenção para pais, educadores e estudantes. Pois acabar definitivamente com o bullying pode até ser uma utopia, em uma sociedade individualista e capitalista, onde o ter acaba prevalecendo sobre o valor do ser, mas é um desafio que inspira a lutar por um mundo melhor e uma sociedade mais justa.

**Palavras-chave:** Violência; Escola; Comportamento.

---

### BULLYING: CONCEPTUAL ASPECTS

#### Abstract

The present work aims to offer a greater theoretical understanding about Bullying, which is a phenomenon as old as the institution called school, however, the subject only became the subject of scientific study in the early 70's. Students who have little socialization skills are usually shy or reserved, and are unable to react to the provocative and aggressive behaviors directed against them. Understanding the theoretical aspects of bullying can be a prevention tool for parents, educators and students. For finally ending bullying may even be a utopia, in an individualistic and capitalist society, where the ending ends up prevailing over the value of being, but it is a challenge that inspires to fight for a better world and a more just society.

**Key words:** Violence; School; Behavior

---

## 1. Introdução

O bullying é um fenômeno tão antigo quanto à própria instituição denominada escola, no entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Os estudos sobre o bullying se iniciaram com pesquisas do professor Dan Olweus, da Universidade

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Alagoas - Brasil; [lidianne.lira@ifal.edu.br](mailto:lidianne.lira@ifal.edu.br)

de Bergen, na Noruega (1978 a 1993) e com a campanha nacional antibullying nas escolas norueguesas (OLWEUS, 1993).

Contudo, o conceito sobre bullying é recente no Brasil (FISCHER et al., 2010), e não existe uma tradução exata para a palavra, que tem origem inglesa. Sendo referida para conceituar comportamentos violentos e antissociais entre pares, de forma sistemática (FANTE, 2005; BRASIL, 2015). Os atores envolvidos vão além do agressor e da vítima, incluindo testemunhas e professores.

Os agressores (que também são vítimas) podem ser de ambos os sexos, vitimizam os mais fracos e geralmente apresentam pouca empatia, vêm de famílias desestruturadas, com pouco ou nenhum laço afetivo (FANTE, 2005, grifo nosso). As vítimas, geralmente, são tímidas, mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos. As testemunhas incluem os espectadores (SILVA, 2010).

De acordo com o exposto, pode-se inferir que o bullying é um problema mundial, e quando se fala sobre esse tema no Brasil, ainda estamos “engatinhado”, portanto, é necessário compreender os aspectos teóricos e conceituais sobre o bullying para melhor intervir.

## **2. Bullying: início das pesquisas**

O termo bullying foi alvo de pesquisas após um episódio no final de 1982, onde três crianças norueguesas, na faixa etária entre 10 e 14 anos praticaram suicídio. Esse fato foi ocasionado por uma violência sistemática exercida por seus colegas de escola. O ocorrido repercutiu nacionalmente e diante disso as autoridades competentes desse País realizaram uma campanha em larga escala, visando ao combate efetivo do bullying escolar. Em paralelo, o pesquisador norueguês Dan Olweus iniciou uma pesquisa com aproximadamente 84 mil alunos, quase quatrocentos docentes e cerca de mil pais. Todos os níveis foram observados, o que equivaleria no Brasil, aos estudantes do primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. O objetivo principal da pesquisa foi “avaliar as taxas de ocorrência e as

formas pelas quais o bullying se apresenta na vida escolar das crianças e dos adolescentes de seu País.” (SILVA, 2010).

A pesquisa desvelou que um em cada sete estudantes encontrava-se envolvido em casos de bullying, como vítima ou como agressor. Esse estudo em conjunto com as ações de prevenção levou a uma redução em cerca de 50% dos casos dessa violência no ambiente escolar. O sucesso da iniciativa gerou a promoção de campanhas antibullying na Inglaterra, no Canadá e em Portugal. (OLWEUS, 1993; SILVA, 2010).

Das pesquisas de Olweus (1993) surgiu um programa de intervenção antibullying, que teve os seguintes objetivos: Aumentar a conscientização sobre o problema para desfazer mitos e ideias erradas sobre o bullying e; promover apoio e proteção às vítimas contra esse tipo de violência escolar. (OLWEUS, 1993).

Contudo, pesquisas sobre o tema apontam para o crescimento do problema, com estimativas de que 5% a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas em condutas agressivas no ambiente educacional. Os espectadores não foram incluídos nos índices, podendo-se inferir que a população de jovens indiretamente envolvidos no bullying é ainda mais expressiva (SILVA, 2010).

No Brasil, as pesquisas sobre o tema ainda são incipientes. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) estuda, pesquisa e divulga sobre o bullying desde 2001, tendo realizado uma pesquisa no período compreendido entre novembro e dezembro de 2002 e março de 2003, por meio de questionários distribuídos a alunos de 5º a 8º série de 11 escolas (nove públicas e duas particulares), no estado do Rio de Janeiro (LOPES; SAAVEDRA, 2004). Os resultados desvelaram que:

Dos 5.482 alunos participantes, 40,5% admitiram ter tido algum tipo de envolvimento direto na prática do bullying, seja como alvo (vítima), seja como autor (agressor); houve um pequeno predomínio do sexo masculino (50,5%) sobre o sexo feminino (49,5%) na participação ativa das condutas de bullying; as agressões ocorrem principalmente na própria sala de aula

(60,2%), durante o recreio (16,1%) e no portão das escolas (15,9%); em torno de 50% dos alvos (vítimas) admitem que não relataram o fato aos professores, tampouco aos pais.

### 3. Protagonistas do bullying

O bullying vai além da dicotomia agressor e vítima, envolvendo também os espectadores (geralmente outros estudantes), professores e outros profissionais. Todos esses atores podem contribuir para a intensificação dos casos de bullying, por isso se torna importante compreender o papel de cada um deles.

O perfil da vítima é geralmente padrão, são pessoas introspectivas, que não conseguem reagir em situações provocadas e agressivas dirigidas contra elas. Podem apresentar atributos que as marcam na multidão, como características físicas (muito magra ou obesa; muita alta ou muito baixa; deficiência física; cor da pele; sexo); socioeconômicas; de gênero e de orientação sexual. Algumas características psicológicas podem estar presentes, como sensibilidade exacerbada; submissão; autoestima baixa; ansiedade; dificuldades para se expressar (SILVA, 2010).

O agressor, comumente, apresenta comportamentos que diferem das vítimas, sendo considerado popular e líder, mas com traços de maldade e desrespeito, agindo sozinho ou em grupo, nesse último, é acompanhado de "seguidores" que reforçam e "legitimam" a violência. O agressor pode ter sido uma vítima que se rebelou ou apresenta, desde cedo, desrespeito às normas ou regras, não sabe lidar com frustrações e pode ter se envolvido em pequenos delitos. Com relação aos aspectos psicológicos, pode apresentar pouca ou nenhuma empatia; incapacidade de sentir culpa ou remorso pela violência; pouco ou nenhum laço afetivo; instinto de dominação; impulsividade. É importante ressaltar que o agressor também foi ou é uma vítima, que pode ter vindo ou estar em lares desestruturados (FANTE, 2005; SILVA, 2010).

Outro personagem importante na problemática do bullying é o espectador, ou seja, as testemunhas da violência, que são frequentemente outros estudantes. Pode-se distinguir três tipos de espectadores: o passivo, o ativo e o neutro. O espectador passivo assume essa postura,

muitas vezes, por medo de ser uma próxima vítima e acaba perpetuado a violência por omissão, mesmo não concordando com o comportamento violento. O espectador ativo geralmente apoia o agressor, mas não se envolve diretamente na violência. O espectador neutro, como o próprio nome indica, não se importa com o caso, não se entenece pela situação do bullying que presencia, é acometido por uma “anestesia emocional”, resultante do próprio contexto social de violência que pode estar inserido (SILVA, 2010).

Professores e outros profissionais da escola podem não saber das situações de bullying e quando sabem, precisam lidar com uma conjuntura que pode não ter sido ensinada na formação docente ou não foi discutida na própria escola. Os professores são imbuídos de responsabilidades, como a formação intelectual e social do indivíduo, mas podem se mostrar apáticos e indiferentes quando inexistente um espaço pedagógico para discutir o tema bullying no ambiente escolar (CALHAU, 2010).

#### **4. Enfretamento do bullying**

O bullying pode ocasionar comorbidades, tanto físicas como psicológicas, tais como fobia social; depressão; transtorno de ansiedade generalizada; anorexia; bulimia; esquizofrenia; síndrome de pânico e morte por suicídio. Enfrentar esse problema é crucial para o desenvolvimento saudável dos estudantes e deve envolver ações sistemáticas abrangendo toda a comunidade escolar, contudo, reduzir o problema não é fácil, pois muitos desconhecem o tema ou acham que essa violência passa apenas de uma “brincadeira” entre os estudantes. O primeiro passo é diagnosticar o problema no meio escolar, verificar em qual grau ele está e iniciar um trabalho de conscientização sobre a temática com todos os atores envolvidos, inclusive a família (SILVA, 2010).

#### **5. Considerações finais**

Compreender o conceito de bullying e os atores envolvidos nesse tipo de violência é fundamental para o trabalho de conscientização no enfrentamento do bullying. Essa temática deve perpassar por todo o currículo da formação docente, do plano político-pedagógico das

Instituições de ensino e ser tema recorrente das reuniões pedagógicas, para que se possa instituir programas eficientes de enfrentamento do bullying nos espaços escolares.

## Referências

BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial [da] República do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, DF, 09 nov. 2015. Seção 1, p. 01.

CALHAU, L. B. **Bullying o que você precisa saber**. Niterói, RJ: Impetus, 2010. 137 p.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Verus Editora, 2005. 224 p.

FISCHER, R.M. (Coord.). **Bullying Escolar no Brasil Relatório Final**. São Paulo, SP: CEATS/FIA, mar. 2010. 108p. Disponível em: <  
<http://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/biblioteca1.pdf>>. Acesso em: 20 novembro 2018.

LOPES NETO A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying**. ABRÁPIA, 2004.

OLWEUS, D. **Bullying at school: What we know and what we can do**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 1993. 140 p.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro, RJ: Fontanar, 2010. 189p.